

FERNANDO PESSOA: BIOGRAFIA PARA OS SENTIDOS

Luis Estrela de Matos
UFF

Resenha de CAVALCANTI FILHO, José Paulo. *Fernando Pessoa: uma quase biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

Existe a febre e existe a doença. Febre dá e passa. Doença, quando é das boas, vem para ficar. Existe a febre, de uns tempos para cá, chamada Fernando Pessoa. Febre assim é moda, *marketing* cultural. Febre Picasso, febre Mondrian, febre Spielberg e tantas outras. E os cordeiros seguem mansamente na estrada do velho rebanho. Mas existe também a doença, e quando esta é mais funda, mais arraigada, mais de raiz, dessas que não saem, que não abandonam o hóspede, que vem para ficar, é necessário ter cautela. “Sou um homem doente”, assim começava o insano personagem do *Memórias do subterrâneo*, do grande Dostoiévski. Depois que experimentamos Pessoa e seus heterônimos, também nos tornamos doentes, nietzschianamente doentes. A grande saúde é fruto das piores doenças. Nietzsche soube disso em sua própria carne. E, verdade seja dita aqui, o Ocidente está doente há séculos. É um mal que vem se agravando numa velocidade assustadora, quase diabólica. Mas só vivendo a doença, a boa doença, é que talvez tenhamos alguma chance, não digo de cura, mas chance de recomeço. Há que recomeçar e para recomeçar precisamos perfazer o círculo. O famoso círculo, quem sabe heideggeriano. O trajeto não comporta desvios. A febre pela febre será sempre um desvio. Há que adoecer.

E por falar em Pessoa, gostaria de comentar em pouquíssimas linhas, visto já ter gasto as anteriores, na nova e estranha biografia, como o autor a definiu, uma *quase autobiografia*. Gosto do quase, gosto da coragem de se assumir um projeto incompleto. Gosto do que não termina, daquilo que o poeta Ezra Pound chamou de *work in progress*. Toda a nossa experiência ocidental do moderno viver é fragmentária, incompleta. O incompleto chegando a sua exaustão. O século XX experimentou e cantou isso nas mais diversas formas culturais. O *Bolero de Ravel*, os fragmentos de Apollinaire, Joyce e seu *Finnegans Wake*. E para não falhar aqui, também grande parte da obra de Pessoa. Bernardo Soares e seus desassossegos que o digam. Neste pequeno trecho de uma das famosas cartas endereçadas a Armando Cortes-Rodrigues, datada de 19 de novembro de 1914, o poeta registrava: “O meu estado de espírito obriga-me agora a trabalhar bastante, sem querer, no *Livro do desassossego*. Mas tudo fragmentos, fragmentos, *fragmentos*”. E por saber que a vida contemporânea é cada vez mais *work in progress*, e por tabela, a arte,

o biógrafo, como afirmei um pouco antes, aposta nessa perspectiva. José Paulo Cavalcanti Filho, em seu livro *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*, revisita o pluripoeta, sua vida, seus amigos, as firmas onde trabalhou, as ruas por onde passaram seus amigos heterônimos, um amor não realizado, as janelas e suas inevitáveis sacadas por onde o Tejo e algumas ruas se desenhavam no espírito do poeta (às vezes meio impressionisticamente e outras furiosamente modernistas), enfim, um universo de toda uma literatura que se fazia desassossegada, de toda uma constelação poética, sem dúvida alguma, chamada Fernando Pessoa. Este poeta, morto aos 47 anos, viveu a quase totalidade de sua curta existência em Lisboa, uma Lisboa de quatro quilômetros quadrados. Nesse espaço o poeta trabalhou, frequentou os cafés, os restaurantes, namorou Ofélia, caminhou com Sá-Carneiro, quando este não estava em Paris, escreveu seus poemas, seus manuscritos, viveu em Bernardo Soares, seu semi-heterônimo, traduziu várias cartas comerciais em diversas firmas, sonhou o quanto pôde. Lembrando seu amigo-heterônimo mais famoso, Álvaro de Campos, “Não sou nada/ Nunca serei nada. /Não posso querer ser nada./ À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”. Cavalcanti recolhe material há mais de uma década, inclusive adquiriu, através de parentes do poeta, parte da biblioteca, além de alguns pertences. Vale ressaltar que é a primeira obra do gênero sobre esse escritor no Brasil. O biógrafo chega a afirmar que: “Esse é o livro que eu sempre quis ler sobre Pessoa e que até agora não existia”. Algumas passagens irão causar incômodo e polêmica de repercussão mundial, pois esse livro revê alguns fatos já consagrados como inatacáveis.

Embora o nome já esteja entre os clássicos, e sua fama não pare de crescer (ainda bem que também existe a doença...), Pessoa está entre os maiores da língua portuguesa, mas curiosamente, só existem 3 biografias. Parte dessa explicação se deve ao fato de ser um poeta de uma infinidade de heterônimos e, devido a isso, as polarizações e antagonismos entre seus estudiosos gerarem discussões sem fim. A cada nova investida, a obra pessoana desdobra-se em novos enfoques e isso, em resumo, traduz duas palavras: complexidade e riqueza. Pessoa está sempre a desafiar definições e conceitos estabelecidos. Só para citar um único exemplo, o *Livro do desassossego*, projeto que o acompanhou durante bom tempo de sua vida. Livro interminável, como era também a sua maneira de ver a literatura.

Dividido em 4 atos, Cavalcanti aborda, na primeira parte, temas complicados, como a questão da sexualidade juvenil, a escravatura e a África Branca, os problemas com a família, seu gosto musical, a amizade por Sá-Carneiro e o triste desfecho em forma de suicídio, entre tantos outros. No segundo ato, intitulado “Em que se conta da arte de fingir e seus heterônimos”, o biógrafo aprofunda as experiências dos vários eus pessoanos de maneira que o leitor é convidado a experimentar esse intricado jogo de espelhos da própria ficção poética em sua radicalidade mais extrema, vale dizer, as tênues fronteiras

entre o ser e a linguagem. No terceiro ato, “Em que se conta dos seus muitos gostos e ofícios”, Cavalcanti viaja com Pessoa pelo Brasil, fala de seus gostos culinários, oferece as variadas profissões por “ele” exercidas, e, ainda, dentre outros tópicos, avança com profundidade sobre os dotes mediúnicos e a paixão pela astrologia. Por fim, no 4º ato, “Em que se conta do desassossego e de seu destino”, o autor polemiza a *causa mortis* e a dificuldade, até hoje, de se chegar a um consenso sobre o real diagnóstico. Ele leva seus leitores a experimentar com Pessoa e suas personalidades literárias (Richard Zenith) o caminho para o fim. A vida do poeta parecia apontar para um desfecho não muito glorioso e até mesmo anônimo. Aliás, Pessoa morre, praticamente, desconhecido, inclusive de si mesmo. E nesse clima do desconhecer-se, o biógrafo nos transmite de maneira particularmente dolorosa a vida que poderia ter sido misturada com a vivida de fato.

Outro detalhe importante a assinalar, e curioso também, é a forma como Cavalcanti narra as inúmeras passagens biográficas/literárias do poeta, aproximando-se (inclusive já assinalado pela crítica e pelos resenhistas) da própria forma de escrever do Pessoa por ele mesmo. Cavalcanti consegue, e isso torna a obra realmente prazerosa de se ler, desde o início, fazer o biografado encher páginas e mais páginas. Como a própria especialista em Fernando Pessoa, sra. Cleonice Berardinelli, afirma na apresentação deste livro, o poeta dos heterônimos fala através da escrita do biógrafo e “ao narrar os últimos dias de Pessoa, Cavalcanti vai dele aproximando-se cada vez mais, sofrendo com ele as dores físicas, a dor moral da solidão”.

Vale a seguinte pergunta: por que, sendo já uma referência, um ícone da cultura mundial do século XX, temos tão poucas biografias? Será que por ter uma pobreza factual da vida de Pessoa, digna de inveja para os mais franciscanos, os biógrafos não se sintam encorajados a narrá-la? Ou então, o que seria pior, a velha cristalização da maneira como a cultura oficial sempre enfrenta novos enfoques e novas leituras em cima dos medalhões da arte. Até porque, uma biografia digna desse nome sempre tem variáveis críticas e interpretações inusitadas que podem, e deveriam, desestabilizar o já fixado, o tal do clássico (não no sentido de Italo Calvino, é claro). Aponte-se, sempre, que uma grande maioria dos leitores não busca uma fotografia realista daquilo que se imagina realmente ter acontecido. A imaginação, a fantasia e o prazer da leitura, são ingredientes que costumam sobrepor-se à busca de uma veracidade quase positivista dos fatos.

Pessoa é já um pedaço do céu. Mas com direito a explosões e novas galáxias. Vida-obra e obra-vida confluindo no grande emaranhado de uma escrita vertiginosa de um autor-autores que não se calava(m) em um único corpo. O leitor pasma ao folhear a quase biografia, pois são 127 heterônimos. Mais trabalho para a crítica, reclamam os acadêmicos de plantão. Foram anos e anos pesquisando. Quando os interessados em Pessoa, acadêmicos ou amadores, virem o livro na estante de uma livraria, não concluem

de antemão: mais um livro. Não é mais um livro. Aliás, um grande livro, fruto de trabalho árduo, é sempre um *plus*. Fazer uma quase biografia de um autor consagrado é ter bastante coragem, é acenar com outras releituras, novos enfoques, é perseguir a velha e boa mania de que a literatura é um tecido vivo de um corpo maior chamado arte. É, também, deixar a obra falar, coisa que o autor conseguiu executar. Pessoa fala em várias vozes, polifonicamente. José Paulo Cavalcanti é generoso e nos convida ao mundo pessoano. Há que adoecer, repito aqui. Há que ser feliz.

REFERÊNCIAS:

CAVALCANTI FILHO, José Paulo. *Fernando Pessoa: uma quase biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MINICURRÍCULO:

Luis Estrela de Matos é doutorando em Literatura Comparada pela UFF. Escreve tese sobre o *Livro do desassossego*, de Bernardo Soares. Também é ensaísta e escritor. Atualmente organiza material para livro de poemas. Inéditos. Tem contos e poemas em algumas revistas virtuais, tais como a *TriploV*, *Cronópios*, *Verbo 21* entre outras. Escreve no *Correio de Sergipe* (SE) e também colabora com o *Correio das Artes* (João Pessoa).